

ANTONIO ALVES MARTINS



FOGUEIRA
ETERNA



Guards - Abis de 1926

A Fernando Penón,

Alvaro de Campos,

Nicardo Rei,

Francisco Cabrita,

quatro individualidades diferentes

e uma só mente verdadeira,

Fernando Penón,

Com os vossos admiráveis estudos

António de Almeida

Handwritten text at the top of the page, possibly a date or reference number.

A handwritten word or phrase, possibly a name or title.

Handwritten text, possibly a name or address.

Handwritten text, possibly a name or address.

Handwritten text, possibly a name or address.

Handwritten text, possibly a name or address.

Handwritten text, possibly a name or address.

Handwritten text, possibly a name or address.

Handwritten text, possibly a name or address.

Handwritten text at the bottom of the page, possibly a signature or address.

RERVM AROMATA

SOMNIA CORDIS

CVRA ANXIA

CARMINA MEA

SVNT

**** TIPOGRAFIA DA PARCERIA
ANTÓNIO MARIA PEREIRA ****
*** RUA AUGUSTA, 44, 46 E 48
***** LISBOA *****

FOGUEIRA ETERNA

DO AUTOR :

ANUNCIAÇÃO — Esgotado.
MULHER DE BENÇAM — 1925.

A SEGUIR :

A LANÇA DE S. MIGUEL

ANTONIO ALVES MARTINS

FOGUEIRA
ETERNA

POEMAS

MCMXXVI

PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA

LIVRARIA EDITORA

Rua Augusta, 44 a 54

LISBOA

«Se eu não morresse, nunca! E eternamente
Buscasse e conseguisse a perfeição das cousas!»

Cesario Verde.

FOGUEIRA ETERNA

A Raúl Brandão

FOGUEIRA ETERNA

J'aime la magesté des souffrances humaines.

Alfred de Vigny.

É, sobretudo, á tarde — e as tardes de Lisbôa
Prestam-se tanto, tanto, a um scismar á tôa,
Ansioso e sem fim —
Que entre o ruído e a paz dos carros e das gentes
Acordam, p'ra sofrer, meus sentidos doentes,
E mais penetro em mim.

Quem sou eu, quem sou eu, no meio do barulho
Da capital febril, onde arde o meu orgulho
Em horas de ansiedade,
E onde chora e suplica e se queixa e estremece,
Como um arbusto ao vento, ou como simples prece,
Toda a minha humildade?

Sombra humana onde pulsa um coração que sente,
Eu olho á minha volta, e uma maré crescente
De alarido e de pôvo
Parece querer, também, que eu vá juntar-me a ela ;
Mas eu busco, a sonhar, uma longinqua estrela,
Um Paraíso nôvo !

E a minha alma sobe a procurar a estrela,
Sobe, vôa bem alto, a vêr se encontra n'ela
O que deseja achar . . .
Mas, cá em baixo, o ruido alastra-se, profundo !
Ai de mim, sinto bem que estou bem preso ao mundo
Para o poder deixar !

E a meus olhos se ergue, avermelhada e intensa,
Uma fogueira enorme, uma fogueira imensa,
Ardendo sem medida . . .
E causando pavôr á minha vida estranha
Passam homens, mulheres, aos braços de lenha
P'r'á fogueira da Vida !

Ela arde, ela brilha, a eterna fogueira,
Pois ninguém quer morrer e sobre a terra inteira
 O fogo é sustentado.
Não perdôa a fogueira a quem a não sustenta:
Não vá eu buscar lenha aos montes da tormenta
 E morrerei queimado !

E entre a estrela que eu sonho e a fogueira que pede
A lenha que me cabe arranjar-lhe e que mede
 A minha dôr tamanha,
Minh'alma ora se exalta, ora sucumbe... E, cego,
Eu nem alcanço a estrela e nem ao fogo entrego
 A necessaria lenha !

Que eu não sei, que eu não sei ir aos montes buscal-a;
Só calando, talvez, esta emoção que fala
 E me deita a perder...
Não sei, nem posso ir como os outros que vão...
Onde deixar a alma? E sem o coração
 Aonde iria eu têr?

Vencêr! Vencêr! Dar lenha á fogueira, queimar
Almas e corações, a chorar e a cantar...

Passam todos... e eu!

A fogueira da Vida! A fogueira da Vida!
— Passam todos olhando a terra sacudida;
Eu a olhar o ceu!

A olhar o ceu, o ceu onde scintila e brilha
A estrela, aquela estrela irmã de minha Filha,
Irmã do meu Amôr,
Sem a qual ficaria a Vida sem sentido,
Inutil todo o fôgo a cinzas reduzido,
E inutil a dôr...

Vai crescendo a maré, vai crescendo, crescendo,
E na fogueira eterna a lenha vai erguendo
As labaredas loucas...
Rogos, lamentações, choros, pragas e gritos...
Á minha volta há só interesses infinitos
E infinitas bôcas...

A maré vai crescendo! É um desvairamento!
Ha quem celebre, á frente, o seu contentamento;
Ha quem soluçe, atraz...
Arde o fogo nas mais reconditas travessas;
Tudo vence a fogueira! As almas estão posséssas:
Governa Satanaz!

Lá dou, tambem, ao fogo, a lenha que consigo.
Vou com os outros, tambem — mas é atraz que eu sigo
E tateando a mêdo...
Não vá diminuir-me, entrando na maré!
Mas não. Acima d'êla eu ergo a minha fé;
Levanto o meu segrêdo!

Pois lá em cima, no ceu, eu sei que a estrela existe;
Por ela é que a minh'alma á fogueira resiste
E aprende a sofrêr!...
Creio na estrela! A estrela o meu destino guarda!
E a fogueira, que arde, é preciso que arda;
É preciso vivêr!

SONÊTOS DO CÁRCERE

A João de Castro

SONÊTOS DO CÁRCERE

I

NASCE uma esperança — e, logo, um desalento.
Nova esperança, depois — nova ilusão!
— Creio-me reduzido ao coração,
Mas n'ele a vida toda em movimento!

Se chego a Deus por este sofrimento,
Devo adoral-o... Sinto-me christão.
Cada saudade minha é uma oração
E alargou-me esta cela o sentimento!

Perdi aqui a vida transitoria,
Para alcançar, talvez, por minha dôr,
A que pertence a Deus, por sua gloria!...

Mas, tão humano, o coração — Senhôr! —
Cai nos abismos fundos da memoria,
Sem ter chegado ao mais divino amôr!

II

EU nunca sonhei tanto como agora!
E que ventura, para quem está prêso,
Por momentos deitar isto ao desprêso;
Dentro da noite imaginar a aurora!

Sonhar! Sonhar! A gente sonha — embora;
Das celas de prisão é grande o pêso...
Pode abrandal-o qualquer sonho acêso,
Mas sempre, n'alma, qualquer coisa chora!

Hoje, mal acordei, ouvi, distante,
Um gemido tão aspero e cortante
Que me parecia quasi não ter fim...

— Carro de bois! — pensei. E vi a serra,
E vi a Beira-Alta, a minha Terra,
Em Campolide — a soluçar por mim!

III

DERAM-ME as celas a escolher; e esta
Foi a que eu escolhi, por sêr maior!
Passeio n'ela como num corredôr,
Vendo, lá fóra, o sol, por uma fresta!

E' fria e humida — e, assim, molesta
Os meus pulmões, qual d'eles o peor...
Deixal-o! A alma é que nos dá valôr,
E mesmo a alma poucas vezes presta!

Fica por cima uma cavaliariça;
E os cavalos — pedirão justiça? —
Dão patadas, de noite, desmedidas!

A fresta deita para um feijoal,
E as estacas que ele ergue fazem mal:
Lembram mirrados braços de suicidas!

IV

E diz-me a solidão de Campolide :
— Quem és tu que vieste povoar-me
Com um tal excesso d'alma que é um alarme
Que em todo o meu silencio se divide ?

E diz a cela que se não decide
(Porque os homens não deixam) a soltar-me :
— Quem será este prêso que, a fitar-me,
Tem a ternura do que não agride ?

Ah! tudo me pergunta quem eu sou,
Adivinhando os sonhos onde vou
Viver, longe da cela, outra existencia...

Ave, anjo, lírio, fio murmuro d'agua?
— E, nos meus olhos, toda a minha magua
Toma um clarão de esperança e de inocencia!

A tão longa saudade destes dias,
E destas noites a tão longa dôr,
São uma bela penitencia, Amôr,
Por essas horas que eu tornei sombrias !

As horas que entre nós teem sido frias,
Por minha culpa, deixa-me supôr
Que já lhes deu ternura este calôr
Que sempre, como agora, merecias !

A minha culpa sinto-a resgatada !
— Bemdita seja a cela condenada
A aprisionar tão longa saudade...

Bemdita seja, sim, pois a ternura
Que sinto agora, vem desta amargura,
E, por ela, comungo a Eternidade !

VI

OH! a insónia na prisão... Maldita
A louca impaciencia de que é feita!
Se o ruim corpo o catre não aceita,
Ha-de aceitar a cela a alma aflicta?

Como um remorso a noite é infinita!
E o pensamento, que se não sujeita
A suportar a negra cela estreita,
Na noite encontra a essencia que o excita.

E abro os olhos a querer vêr, no escuro,
A luz que me liberte... E as mãos estendo,
Sem bem saber, ao certo, o que procuro!

Ai de mim, ai de mim! Já nada entendo!
E se, em vão, falas lugubres murmuro,
Ecos de crimes ficam respondendo!

VII

ECOS de crimes que outros praticaram,
Mas que pesam, agora, no meu peito,
Como se todos os tivesse eu feito...
— E nem penas, remorsos, me salvaram!

Há olhos, a lusir, dos que mataram;
Veem deitar-se espectros sobre o leito...
E um canto sobe, sobe em ais desfeito,
Dos que, aqui dentro, em lagrimas penaram!

Noite de pesadêlo e comunhão !
A minha voz lá vai na ladainha,
Levando-me, com ela, o coração !

Oh negras vozes, amparai a minha !
E Deus, do ceu, envia o seu perdão :
— Esvai-se a noite — e nasce a manhãzinha !

VIII

MAS como é triste ver nascer o dia
Através dumas grades de prisão!
Talvêz seja melhor a escuridão,
Melhor, talvêz, a hora da agonia!

O dia nasce e a alma principia
Outra mais crua e triste expiação:
Ouvir da vida, longe, o turbilhão
Alheio a esta vil monotonia!

Oh! como tudo é triste aqui na cela!
Até quem me visita em si revela
Receios de ficar encarcerado!

Tudo triste, porquê? É só, meu Deus,
Por não poder d'aqui dizer adeus
Ao mundo que me traz crucificado!

IX

DOLOROSO estar preso — e doloroso
Sentir, recuperada a liberdade,
À luz do sol a mesma saudade
Sofrida lá na cela sem repouso !

Nada o mundo me dá de eterno gôzo,
Minha ansiedade gera outra ansiedade,
Nas almas passa a mesma impiedade,
Meu olhar continua duvidoso !

A alma, agora livre, se definha
Sentindo que na cela onde habitou
Foram de mais as maguas que lá tinha!

O mundo, que era mau, não melhorou!
Nem se fez bela a Vida — tão mesquinha.
Que parece que Deus a não creou!

ELEGIA

ELEGIA

QUE lindo sol! Esplendoroso dia!
Ceus e terra trasbordam de alegria,
Edenica visão!

Vêr, de tão alto, o sol sobre a cidade,
É vêr, em corpo e alma, a felicidade
E abrir-lhe o coração!

Sob esta luz nenhuma dôr existe!
Ninguém terá a sina de sêr triste;
A alma foi ouvida...

Louvêmos Deus com os olhos a sorrir!
Nem sei que mais lhe havemos de pedir
Pois nada falta á Vida!

Mas ai, rapido instante! O sentimento
Varia, de momento p'ra momento,
Dentro de cada sêr.
Pobre da nossa intima figura:
Não cede ao sol a sua noite escura,
Não se deixa vencer!

É já apenas com os olhos que te vejo
Oh sol onde queimei o meu desejo
E a minha ilusão...
A alma sinto-a fria, — e, num cançasso,
Vejo cair, em lagrimas, do Espaço,
O proprio coração!

Que tenho eu? Que penas me consomem?
Bastará o destino de eu ser homem,
P'ra este sofrimento?
Quero vêr-lhe as razões e não atino:
De tão humano torna-se divino.
E foge ao pensamento!

Invejo a primitiva humanidade
Que sabia fitar-te, oh claridade,
 Tão instintivamente,
Sem intimas cavernas, dôres geladas,
Arrefecendo a luz das madrugada
 E o sangue do poente!

Oh sol, porque não entras em meu peito
Devorando o que n'ele, de imperfeito,
 Existe em negra dôr?
A's ancias crueis em que me gasto
Mostras, apenas, o universo vasto,
 Cheio do teu calôr!

Mas a alma quiere mais! Não se contenta
Como o olhar mortal que se alimenta
 Da forma fugidia...
Não quiere as cousas — quiere o Creadôr;
Não procura quem ama — busca o amôr,
 Sedenta de harmonia!

Que profundas razões para chorar
Sob esta luz do sol que enchendo o ar
 Me deixa insatisfeito
Como se, pela força da ansiedade,
Vencesse todo o azul da imensidade
 O luto do meu peito!

Inquietação humana! Rebeldia
Orgulhosa do sêr! Melancolia,
 Ansias de Eternidade...
Deus, Natureza, saciedade, amôr,
Tudo em confuso e íntimo clamôr;
 Vagas em tempestade!

Mas aí vem a tarde... Traz no seio
Não sei que doce filtro ao meu anseio,
 Que gestos de embalar...
Oh sol, regresso ao meu jardim fechado!
Morre no horizonte ensanguentado,
 E deixa vir o luar...

SELVA ESCURA



SELVA ESCURA

I

NO silencio da noite, que o luar
Silenciosamente vai tecendo,
Minhas ocultas maguas revivendo,
Sinto desejos de me confessar!

E procuro nas sombras, a scismar,
Alguem que possa ouvir-me... Só entendo
O silencio das coisas abrangendo
A distancia dos astros a brilhar!

Que importa? Falo á noite! Desventura
Seria reprimir esta ansiedade
Que no proprio silencio já murmura...

O que é preciso é ter sinceridade!
E só se perde aquela creatura
Que a ninguem, nem a si, falou verdade!

SEMPRE o meu coração tem encontrado
Nas arvores, nos montes — na paisagem,
Da mais enternecida á mais selvagem —
O que outros corações lhe tem negado!

Quem dá melhor consolo ao meu cuidado,
Melhor escuta a minha linguagem,
Do que as falas poeticas da aragem,
E o silencio nos campos derramado?

O que sente, o que sofre, o que medita,
E' em ti, Natureza, que procura
O amparo ideal que necessita !

Sem teu amôr, dando expressão e altura
A cada sentimento que a habita,
Seria sombra morta a creatura !

III

A' memoria de meu Pai

PERDÔA-ME se eu vou á Eternidade
— Perturbadôr, quimerico destino! —
Procurar no teu rôsto, já divino,
Antigas expressões de humanidade!

Perdôa a este filho peregrino
Que entregue á força humana da saudade
No desvario tôrvo desta idade
Não perdeu as visões de pequenino!

E ressurges, meu Pai! Olhar dorido,
Ouves a minha Dôr como eu ouvi
Teus intimos soluços de vencido!

Mais do que nunca o mundo é uma caverna;
N'ela penando e o pensamento em ti,
A morte não é nada — e a vida é eterna!

IV

QUE altura de horizontes, que amplitude
Ungida da mais célica harmonia
Se alarga ao nosso olhar que se extasia
Levado nos remorsos á Virtude !

Quanto maior a nossa inquietitude,
Mais essa imensidade se alumia ;
Que é nos infernos da alma que se cria
Essa visão do Bem que não ilude !

Vemos, na dôr, o Bem, — mas tão sujeito,
Pela tortura de o não termos feito,
A' nossa escura e fraca humanidade,

Que assim, tão belo e triste, faz lembrar
O vago das paisagens ao luar
E as sombras erguidas na saudade!

DENTRO de mim, na minha consciencia,
Como o *Judeu Errante*, nunca páro :
Galgo montanhas onde o sol é claro,
Desço abismos de turbida dormencia !

E' esta a minha unica existencia,
A unica, meu Deus, em que eu reparo !
E tudo o que a minh'alma tem de raro
Vive na luz da minha inteligencia !

Vaidade das Vaidades! Vou vivendo
Dentro de mim, fechado em mim, esquecendo
Que o tempo sobre o mundo vai passando!

Ao acordar, que noite me entristece!
— Jamais a minha alma se conhece,
E lembro o tempo que passou, chorando!

VI

A Luiz de Montalvôr

NASCÊMOS — e ha logo quem comece
A esperar de nós, p'la vida fóra,
Actos que tenham clarões de aurora,
Falas irmãs da mais sentida prece!

Mas porque a nossa alma desfalece,
Ou porque nunca chega a nossa hora,
A's esperanças em nós postas outróra
Responde o nada que nos entristece!

Mas não desistem de esperar... E' a Vida
A exigir de nós, na eterna lida,
Uma palavra, um gesto ou uma ideia!

Tantas esperanças, tantas, sobre mim,
Dos meus, dos outros, de mim proprio, enfim!
—E eu mais pequeno do que um grão de areia!

VII

NÃO posso! — E olho tristemente a Vida ;
Dentro de mim, que morbido cansasso!...
— Do gélido silencio do Espaço
Nada responde á minha voz dorida !

Porem, na longa estrada percorrida,
Descubro o meu logar : é um vivo traço !
— Dependem felicidades do meu braço ;
Minha fraqueza deve sêr vencida !

Tento reagir, alarga-se-me o peito :
— Mas não posso, porquê? — E, contrafeito,
Debato-me, a scismar, no meu mutismo...

— Revela-me, Senhôr, da imensidade,
Se eu sou assim por graça de humildade,
Ou miseráveis restos de egoismo !

VIII

NADA sabemos! Não se cria nada!
É tudo uma fantástica ilusão!
Palpita inutilmente o coração;
Inutilmente nasce a madrugada!

Em que vemos a vida melhorada?
Que luz veio rasgar a escuridão?
Que certezas se abriram? — Tudo em vão!
Poeira, em torvelinhos, numa estrada...

Formas, palavras — e a Vida existe!
— Ao nosso olhar, halucinado e triste,
Só chega o que, de efémero, se junta!

Interrogar é ouvir mais agonias...
— Folha incerta a boiar em águas frias,
Eis o destino da melhor pergunta!

IX

A Francisco Costa

HORAS serenas de melancolia
Em que as linhas das coisas se esvanecem,
E as palavras de conforto esquecem
Para se ouvir, em tudo, uma elegia...

Em vós a minha alma se amplia ;
Por vós os meus sentidos se engrandecem.
O turbilhão de anseios que em mim crescem
Encontra, em vosso colo, a calma !

Horas serenas em que a alma, triste,
Vive não sei p'ra quê, adivinhando
Que, além da sua magua, um ceu existe !

Horas serenas sobre mim pairando :
— Tristeza da minh'alma que consiste
Em ir-me, a pouco e pouco, resgatando !

X

ARRELIAS mesquinhas desta vida,
Desejos vãos, torturas de momento,
Só me causais, no fundo, aborrecimento :
— De vós a minha Dôr não é nascida !

Pois na constante e ingreme subida
Do calvario ideal do sentimento,
A alma, entregue ao seu desvairamento,
Por angustias maiores é sacudida !

Embaraçai-me os passos... Complicai
A minha vida desigual, que vai,
Tão escrava do mundo, olhando os ceus...

Não deixarei, abstracto caminhante,
De interrogar o mais furtivo instante,
Buscando a chama que me ligue a Deus!

Ao Herculano Levy

ORGULHO e tédio, meus irmãos, — bemdito
O instante suprêmo que vos trouxe!
Bemdito em mim vosso acordar precoce,
Minhas primeiras sombras de infinito!

Ougulho, leal couraça — nenhum grito
Deixe o meu peito, revoltado ou dôce,
Sem o timbre real da tua posse,
Imperadôr do meu imperio aflicto!

Tédio, gelado pôço — nenhum beijo
Deixes crescer na bôca do Desêjo
Sem ter, no fundo, a tua gelidês!

Ah! só comvôsko, irmãos, se pode sêr,
Na vil miseria deste mau vivêr,
Desgraçado no mundo — e português!

XII

QUEM me dera calar a voz terrível
Dos *monstros* que ha em mim! Eu desejava
Fazer a alma, de orgulhosa, escrava
Da confiança em Deus, imperecível!

Eu queria tornar-me, de falível,
De pecadôra argila e nêgra láva,
O cardo agreste que a montanha brava
Cria em seu dôrso — e é mais que desprezível!

Quem me dera sêr tudo, na verdade,
Que coubesse no seio da humildade...
— A mim dizer definitivo adeus!

Donde vim? Quem sou eu? P'ra onde vou?
— Nada saber de mim, que nada sou;
Tudo aceitar de Deus, só porque é Deus!

XIII

Sobre um pensamento de Epicteto.

A mim proprio, Senhor, me confiaste,
Que o teu amôr acreditou em mim!
A tua imagem tórno a vêl-a — e, assim,
Tórno a ouvir as palavras que soltáste:

— «Que a alma que eu te dou sempre se afaste
Das tentações do mundo estreito e ruim...
Guarda-a, perfeita e pura, até ao fim,
Que eu, então, saberei se a abandonaste!»

Meu Deus, lembrando a graça dessa hora,
Todo o meu sêr, constricto, sofre e chora...
— O mundo fêz de mim um pecadôr!

As tentações venceram-me... Não pude
Manter na alma a força da Virtude!
— Como dizer-te que a guardei, Senhôr?

XIV

QUANDO eu deixar de sêr esta vaidade,
Este egoismo vão, esta loucura,
Esta poeira d'alma em noite escura,
Esta sombra, este vago, esta saudade ;

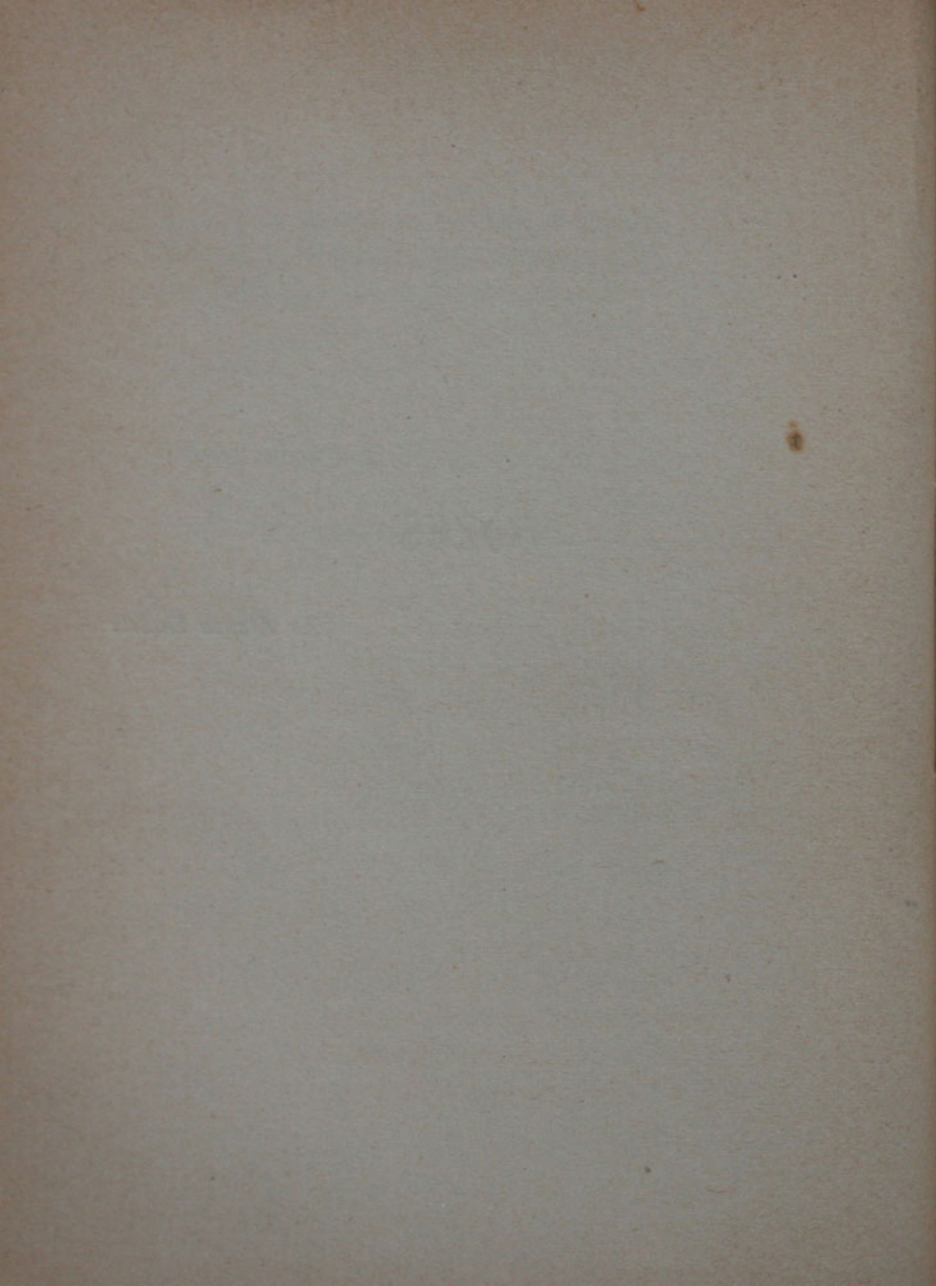
Quando eu deixar de sêr fragilidade,
Inconstancia, desanimo, tortura,
Esta materia preguiçosa e impura,
Este orgulho que ofende a caridade ;

Quando eu deixar de sêr esta ambição,
Esta fria indiferença, esta ilusão,
Esta vaga que em espuma se desfaz ;

Quando eu deixar de sêr de mim cativo,
O rastro em sangue dum pecado vivo,
Finalmente, Senhor, me aceitarás ?...

VOZES

Ao Afonso Duarte



VOZES

Fica na terra a boca quando canta ;
Sobe a cantiga ao ceu !

Mulher de Bençam

NO infinito coração do Espaço,
A cada instante, por mais leve e escasso,
Ha vozes a subir...
Tanto grito das almas, para além !
Tanto grito das coisas — e ninguém
A sabê-los ouvir !

Como o silencio, a voz humana é bela.
Se o silencio eternisa, a voz revela
O que ha de oculto em nós...
Falar, gritar, cantar — eis o destino.
E o que tinha Jesus de mais divino ?
A harmonia da voz !

Vozes, vozes dispersas que subis
Creada em nossas almas a raiz :
 Um sonho ou um tormento . . .
Vozes que, em nossas noites de desgraça,
Narrando a Deus a dôr que nos trespassa,
 Sois nosso livramento !

Oh vozes onde eu sinto, em comunhão,
O ceu, a terra, a luz, a escuridão,
 Oh vozes do infinito,
Vozes de tudo o que ama, sofre e luta,
Dou-vos a alma, a arder, que vos escuta :
 Sou, para vós, um grito !

As vozes misteriosas que passaram !
Na memoria do ar elas deixaram
 Ressonancias eternas . . .
São toda a fala do silencio fundo
A's horas em que paira, sobre o mundo,
 O sono das cisternas.

As vozes d'hoje tão contraditorias !
Palpitam nelas passageiras glórias,
 Quimeras e aflições...
Tropel de vozes desvairadas, loucas !
— Beijos vermelhos a sangrar nas bocas
 E dôr nos corações !

As vozes que hão-de vir ! Oh quem me dera
Adivinhar a sua primavera
 Ou o seu outono triste !
Vozes futuras — vida do futuro !
— Na aspiração ardente em que me apuro,
 Sómente o Verbo existe !

Só ele existe, o Verbo dos inícios ;
Abrindo a luz, cavando precipícios,
 Criou a Humanidade !
Verbo imortal, tornando-se mortal !
— Eis porque são as vozes, afinal,
 Ecos de Eternidade !

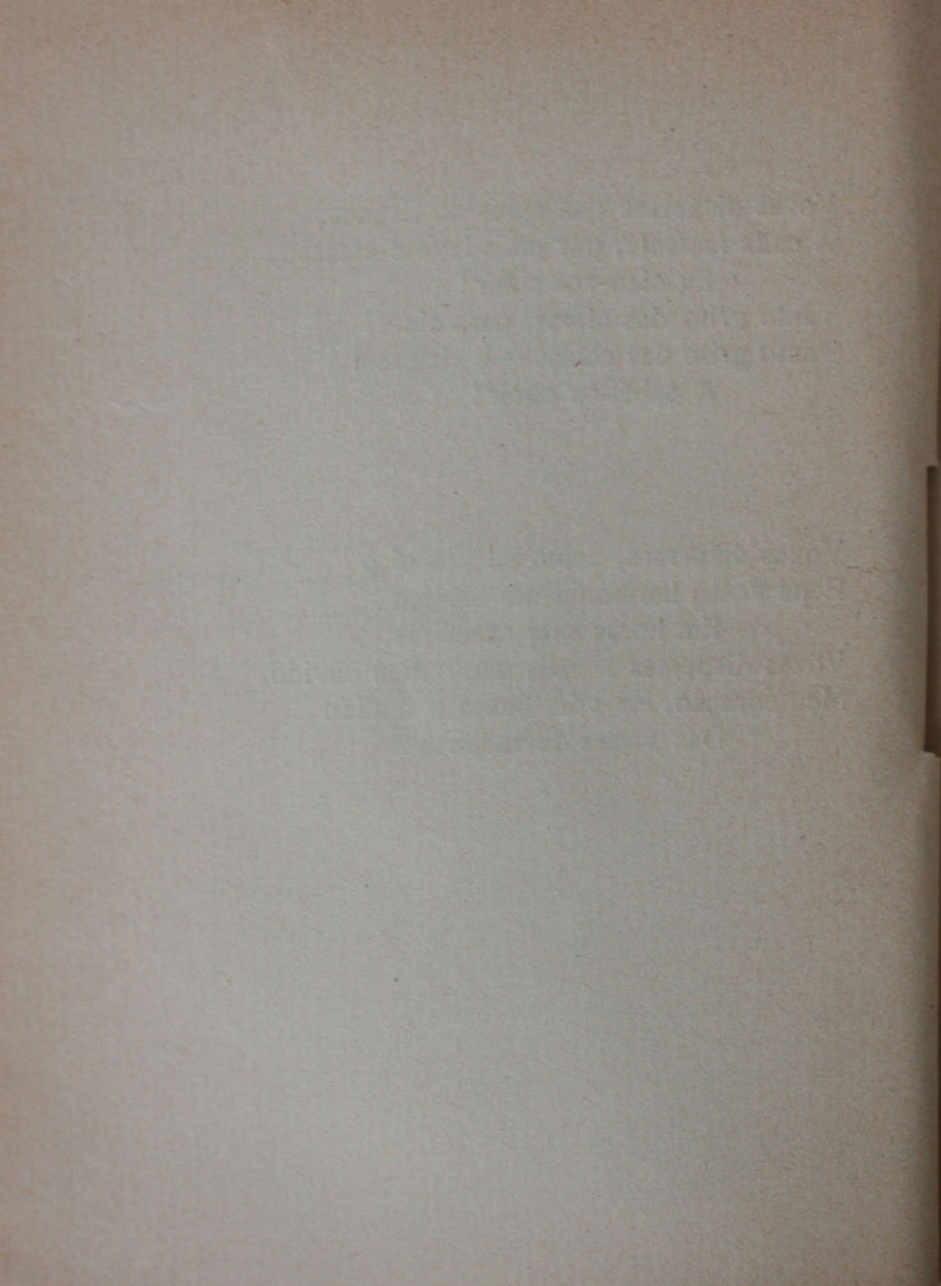
Adoro as vozes como adoro a Vida,
E, quanto mais a vida fôr vivida,
 Mais vozes subirão...
Vozes eternas, desiguais, opostas :
— Vilas, cidades, vales e encostas,
 Como é que falarão ?

E fico a meditar, saudosamente,
Nas vozes que eu ouvi antigamente,
 Na minha infancia a rir...
E que absurda ancia de colher
As vozes que, na hora de eu morrer,
 Hei-de deixar de ouvir !

E o silencio, depois, absoluto ?
Sei lá ! Sei lá ! Intimamente escuto
 A voz do coração...
Ele me diz que é bela a Eternidade,
Que ha vozes que revelam a Verdade
 E os mortos ouvirão !

Vozes dispersas que subis no Espaço,
A cada instante, por mais leve e escasso,
 Eu oiço-vos subir!
Tanto grito das almas, para além!
Tanto grito das coisas — e ninguém
 A sabêl-os ouvir!

Vozes dispersas, como eu vos oiço
E na vossa harmonia me baloiço
 Em horas sem canceiras...
Vozes dispersas — mais que o meu ouvido,
Meu coração, em vós, busca o sentido
 Das vozes derradeiras!



POETA NEGRO

A' memoria de Cruz e Sousa

POETA NEGRO

Ficou gemendo, mas ficou sonhando !

Cruz e Sousa.

POETA Negro — bronze d'alma clara,
Humana treva de esplendôr divino ;
Profundo sentimento, em desatino,
Subindo, pela dôr, á Pedra d'Ara !

Fôra o teu verbo fôgo e incendiára
— Prodígio, redentôr destino ! —
Tudo que ao teu olhar de peregrino
Em materia servil se escravisára !

Gemeste, mas sonhaste ! Dia a dia,
Rompendo preconceitos, maldições,
A tua noite em Deus amanhecia !

Humana treva a despedir clarões,
Nos teus soluços fundos de agonia
Pulsa a vida imortal dos corações !

DELIRIO MARITIMO

Ao Joaquim Brilhante

DELIRIO MARITIMO

SÊR nauta! Andar, no mar, a navegar!
Vir-me encontrar, no mar, a madrugada!
Sentir, na alma, a espuma delicada,
E aprender, com as ondas, a cantar!

Sentir-me eu proprio um ritmo do mar;
Sua vaga, talvez, mais agitada!
Por fim, achar a taça da balada;
Beber por ela até me embriagar!

E, como o vento sacudindo areias,
Dizer na praia, á tarde, ao despedir,
A lindas virgens de saudades cheias

E desejos que o mar faria abrir :
— Tende a graça marinha das sereias,
Se desejais que eu deixe de partir !

O MEU INSTINTO

O MEU INSTINTO

Página da adolescência.

O meu instinto é uma tarde ardente
Da minha vida, em flôr, de adolescente,
Que, á força de vivida,
Eternamente continua acesa,
Embora o sol morresse — e a Natureza
Ficasse anoitecida !

Môrno cair de Outubro, numa aldeia.
Paisagem de pinhais, á tarde cheia
De vaga letargia . . .
A lassidão das horas do sol-pôsto.
Longe, fervia, nos lagares, o môsto,
E eu convalescia !

Tinha aberto a janela que deitava
Para o caminho estreito que ligava
 A casa á povoação.
E, debruçado sobre a Natureza,
Encantado bebia-lhe a beleza
 E toda a lassidão !

Magnifica tarde em que a saude
Vinha ao meu corpo — esplendida virtude
 Da seiva dos pinhais ! . . .
Mas se tudo eu sentia e queria, enfim,
Era a falta d'algum, junto de mim,
 O que eu sentia mais.

Alguem que fôsse a minha companhia
Na lassidão d'aquele fim de dia,
 Tão belo e perfumado
Que era um martirio admirar sósinho . . .
— E fitava, nas curvas do caminho,
 A serpe do pecado !

Morria o sol, mas eu sentia a Vida!
Os horizontes davam a medida
Da minha ansiedade...
Fervia nos lagares, ao longe, o môtto;
Queimavam-se volúpias no sol-pôsto,
Por toda a Humanidade!

A solidão pesava-me no peito.
Começava a sentir-me contrôfeito,
Começava a sofrer...
Quasi me entediava a Natureza
Fitando-a como a unica certeza
Que ali podia têr!

Mas a janela continuava aberta,
E na paisagem languida, deserta,
Uma mulher surgiu...
Têl-a-hia creado o meu anseio?
E tudo, á minha volta, ficou cheio
Do que o meu sêr sentiu!

Só tinha instinto essa mulher, mais nada !
Deu a volta a um pinhal, passou á estrada,
Desapareceu por fim . . .
Mas, nessa hora louca de ansiedade,
Era, na terra, um pouco de verdade,
E tudo para mim !

Humana flôr agreste, resumindo
Os arômas da terra no ar subindo,
Abraçal-a seria
Cingir, num abraço, a Natureza inteira !
— Seria essa a posse verdadeira
D'aquelle fim de dia . . .

A Natureza fôra uma promessa ;
A certeza viera — mas, depressa,
Ao longe se perdeu . . .
— E agora ? — reflectia o meu cuidado.
Sem fé, porem, de sêr recompensado,
Ergui o olhar ao Ceu !

Mas que podia o Ceu, alto e divino,
Dar ao meu forte e humano desatino
Sem o descontentar?
Resistir ás paixões é o mandamento
Dos que põem em Deus o pensamento,
A fé do seu olhar!

Resistir ás paixões!... E, novamente,
O meu olhar febril de adolescente
Baixou á Natureza,
A beber a distancia larga e escura
Que fôra, para mim, a sepultura
Duma fugaz certeza!

Como se toda a vida me fugisse,
Nunca mais eu amasse e possuísse,
— Oh momento sem par! —
Não vendo o brilho da primeira estrela,
Desfaleci, exausto, na janela,
A chorar, a chorar!

Era o vago de tudo o que eu sentia!

Da Natureza nada recebia

Pois prometera em vão...

E do Ceu? Era cêdo para ouvil-o:

— «Foge ás paixões se queres viver tranquilo;

O mundo é tentação!»

Assim fechado em tôrvo labirinto,

As lágrimas ardentes do instinto

Rolavam-me na face:

Tão pesadas que os olhos me doíam;

Tão sinceras que nada esconderiam

Se alguém as violasse!

Longos momentos eu ali fiquei,

A' janela, a chorar... Mas abracei

A minha humana essencia!

— De martirio e amparo me serviste,

Oh eterna janela que sentiste

A minha adolescencia!

A UM RIO

A UM RIO

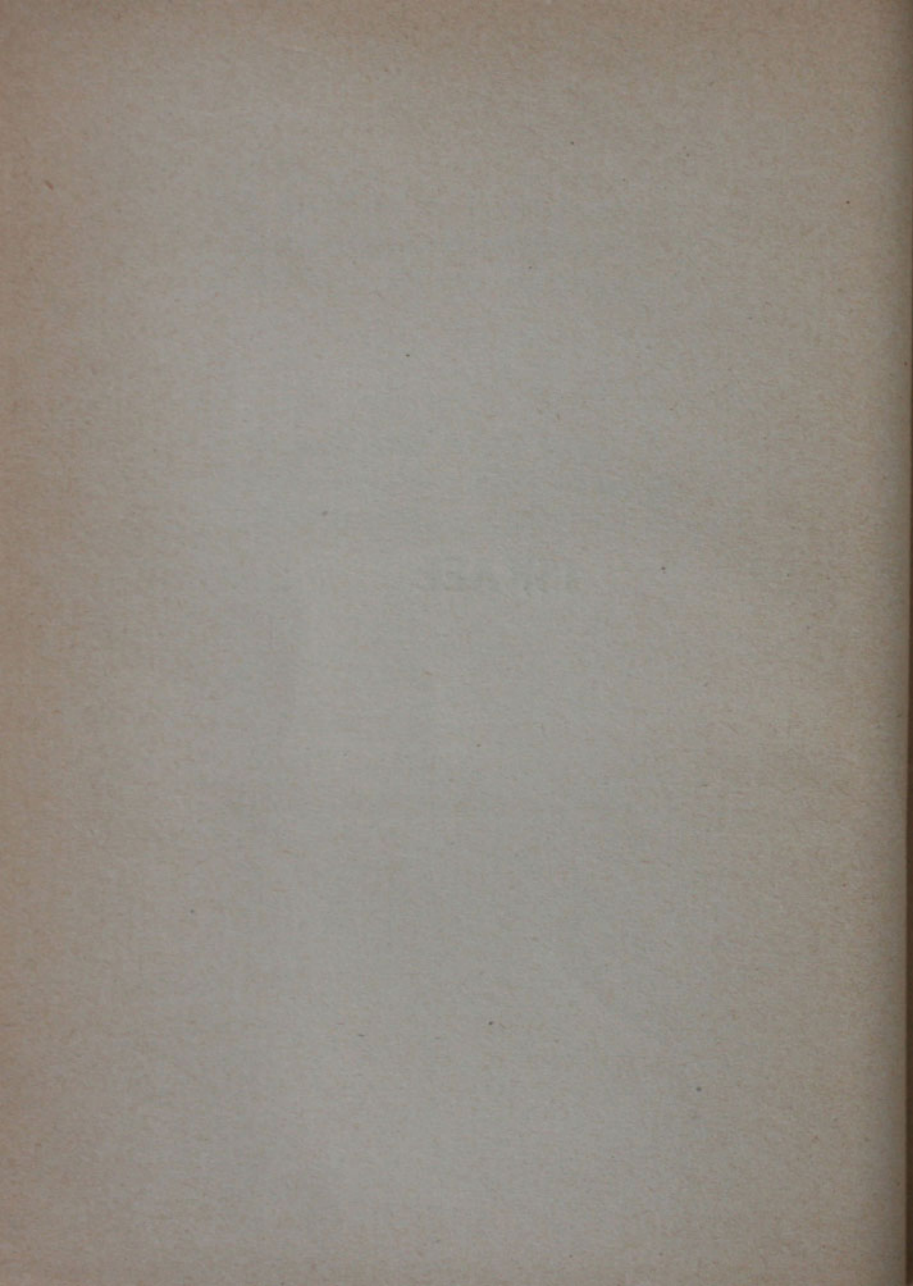
O H socegado rio cristalino,
Quem ousou perturbar, gesto impiedoso,
Teu curso enamorado e venturoso,
Tão capaz de embalar um Deus menino?

Forte aragem da serra, em desatino,
Atravessou o espaço misterioso;
E um salgueiro, nas aguas em repouso,
Caiu com todo o pêso dum destino!

Mas foi só um momento de arrepio
O que sofrêste, enamorado rio,
Inconsciente sofrêdor de maguas. . .

Reflectes o nada de mil vidas
Turvas de muitas penas esquecidas
Como o salgueiro que caiu nas águas!

ISRAEL



ISRAEL

Partiram pois os filhos de Israel de Rameses,
e vieram a Socoth, sendo perto de seiscentos
mil homens de pé, afóra os meninos.

Exodo — 37

EM cima Deus — e o Deserto em frente,
Longe, bem longe, a *Terra Prometida*,
Sai do Egito Israel, nomada e crente,
Fonte da fé que veio encher a vida!

Sai do Egito Israel — Moisés seguindo:
Salvo das aguas, salvará seu povo!
E no Deserto, requeimado e infindo,
A voz do vento é um profeta novo!

Marcha arriscada, perigosa, ardente,
Ardente como a sarça inconsumível
Em que Deus, a Moisés, se fez presente,
P'ra lhe ordenar esta missão terrível!

Moisés guarda essa luz que incendiára
A sua fé mais clara do que o dia!
Ei-la a doirar sua divina vara,
Capaz, também, d'alguma profecia!

Ei-la silencio fundo — no profeta;
Esperança — em toda a tribu de Israel!
— Canaan, Canaan, divina méta
De arroyos onde corre o leite e o mel!

Alonga-se a planície a descoberto,
Entregue a toda a luz que cai dos ceus.
— Ai o que vale, ás almas, no Deserto,
E' a certeza de que existe Deus!

Existe, sim, e á tribu, que tem fome,
Envia Deus doce *manná* celeste.
— Deserto estéril, sem ninguem que o dome,
Sempre ouvindo orações — e sempre agreste !

Oásis, palmeirais, é raro vêl-os ;
E, sem agua nem sombras, só terão,
Com as tendas nos dorsos dos camelos,
A certeza de Deus no coração !

E toda a caravana vai unida
— Homens, mulheres, crianças, animais ! —
Na mesma fé da *Terra Prometida*
De que os sonhos humanos dão sinais !

Israel, Israel, nomada e crente,
Fonte da fé que veio encher a Vida !
— Oh destino da Alma, eternamente
A procurar a *Terra Prometida* !

Tem ela, neste mundo, o cativoiro
Que sofreste, Israel, em pleno Egito ;
E se Moisés, de Deus é medianeiro,
Minh'alma sobe ao Ceu quando medito !

Crês em Deus — e a Terra que procuras
Não é p'ra tí, decerto, uma ilusão !
— Ai de nós que vivemos ás escuras
Com tanta luz a abrir no coração !

Ai, quem me dera a tua crença antiga
E um Deserto, assim, para trilhar,
Com uma voz a guiar-me, voz amiga,
Incitadora como a voz do mar !

E embora, Israel, não conseguisse
Alcançar Canaan, risonha e imensa,
Tê-la-hia em minh'alma quando ouvisse
Falar a Deus a voz da minha crença !

Tinha-a como a tens tu, oh bando errante,
Em esperança imortal pelo Deserto!
— *Terra da Promissão*, doce e fragrante,
Longe de mim — e de Israel tão perto!

Longe de mim, longe da alma humana
Tão batida de ventos desvairados...
Tão desigual, tão pura e tão profana,
Amante de virtudes e pecados!

Longe de mim — da minha incoerencia,
Do turbilhão que, dentro em mim, perpassa;
Longe das minhas horas de inocencia,
Longe das minhas noites de desgraça!

Oh marcha de Israel pelo Deserto,
Oh marcha da minh'alma pela Vida...
Uma levando a um destino certo,
A outra a uma miragem repetida!

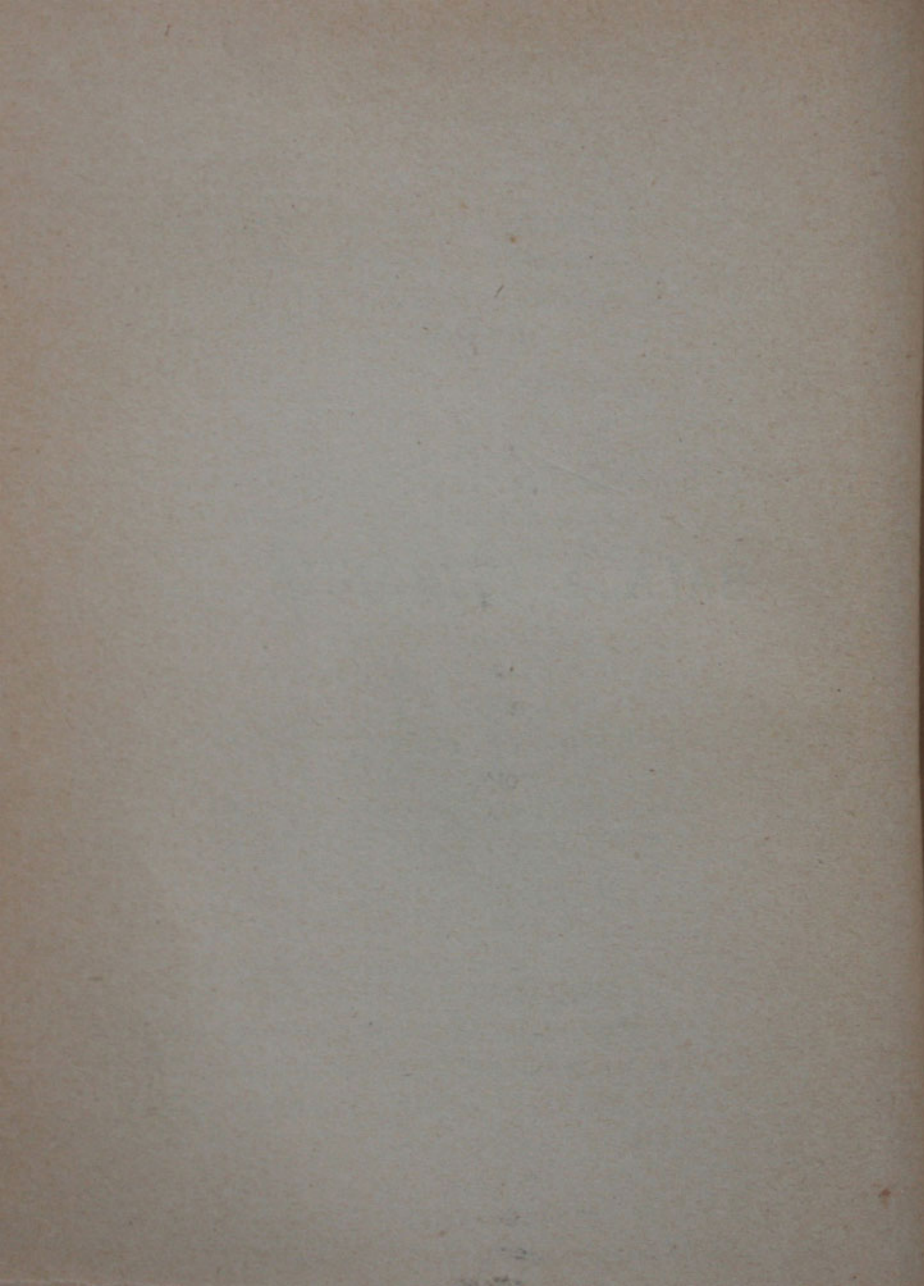
E já vai longe o bando... Mais além,
Horeb, rochas erguendo ao firmamento.
—São seiscentas mil almas — vendo bem,
Apenas um divino pensamento!

Ao fogo e á sêde a tribu vai andando,
Nos olhos todo o esplendor dos ceus...
—Povo escolhido — oh venturoso bando,
Obedecendo só á voz de Deus!

A voz de Deus! O resto, não é nada!
Ouvil-a no Deserto desta vida,
Depois de tanta dura caminhada,
É encontrar a *Terra Prometida!*

—Canaan! Canaan! Oh Terra eleita
De arroios onde corre o leite e o mel!
Sonho da alma humana insatisfeita,
E divina certeza de Israel!

BALADA ESTRANHA



BALADA ESTRANHA

ESQUEÇO, esqueço, esqueço tudo :
Nada da Terra, nem do Ceu !
— Que bom sentir o Espaço mudo,
Este silencio de veludo
Velando um sonho que morreu !

Esqueço, esqueço, esqueço a Vida,
Esqueço tudo o que me deu . . .
Ai tanta lagrima caída ;
Ai tanta graça reflectida ;
Ai tanto inferno e tanto ceu !

Esqueço, esqueço, esqueço — e sinto
Que, enfim, sou livre — enfim, sou eu !
Salvei-me, enfim, do labirinto :
Não rio, choro, canto ou minto...
— Nada da Terra, nem do Ceu !

Esqueço, esqueço, esqueço — e nada
Tenta acordar o vulto seu...
Canção, jamais serás cantada !
Mulher, jamais serás amada !
— Enfim, sou livre — enfim, sou eu !

Sou eu, sou eu que andei disperso
E volto a mim porque esqueci
Os sonhos vãos do Universo,
Que eu quiz saber e pôr em verso,
Sem melhor vida vir d'aí...

Sou eu, sou eu, misero sêr,
Alma que entrou de socegar,
Corpo que entrou de adormecer...
— Melhor, melhor do que esquecer,
Talvêz, apenas, perdoar!

Mas, esquecendo o Sonho e a Vida,
Para que bates, coração?
Tua ansiedade sem medida
Já revelou Vida vivida...
Agora é só esforço vão!

E o coração ouve e murmura:
— «Não deixarei de palpitar...
Que desgraçada creatura
A que não vê, na noite escura,
Um raio, ao menos, de luar!

Profunda o teu esquecimento ;
Verás que ele é uma ilusão,
Filha do tédio dum momento !
— A' doce luz do sentimento,
Quantas lembranças voltarão !»

E esta voz, resuscitando
Almas e coisas — sombra e luar,
Dentro de mim fica vibrando...
— Se por mim tudo esta chamando,
Eu não havia de acordar ?

Já lembro tudo, tudo, tudo !
Já lembro a Terra e lembro o Ceu !
— Que bom sentir o Espaço mudo,
Este silencio de veludo
Sorrindo a um sonho que nasceu !

RESGATE

A Mario Beirão

KEGGATE

RESGATE

HA momentos na Vida tão divinos,
Tão isentos de miseros cuidados
Que nasce a fé no olhar dos condenados;
Canta mais alto a voz dos peregrinos!

E, como veios d'agua cristalinos,
Vamos correndo sem temôr dos Fados...
— Da nossa dôr humana resgatados,
Todos nós nos tornamos pequeninos.

Deixa-nos esta sombra que nos veste
E que nos faz sofrer um mal tão fundo
Que nem o da paisagem mais agreste...

E, alma erguida para o Ceu profundo,
Embala-nos o canto azul celeste
Dos amôres que morreram para o mundo!

INDICE

INDICE

FOGUEIRA ETERNA.....	11
SONÉTOS DO CÁRCERE	19
ELEGIA	39
SELVA ESCURA.....	45
VOZES.....	75
POETA NEGRO.....	83
DELIRIO MARITIMO.....	87
O MEU INSTINTO	91
A UM RIO	99
ISRAEL	103
BALADA ESTRANHA.....	111
RESGATE.....	117



